



Luciano Candisani. Jardins de macrófitas sustentam um pujante ecossistema aquático sob árvores mortas em inundação causada pelo assoreamento do rio Taquari. Corixão, Pantanal do Paiaguás (MS), fevereiro 2012 | **Lalo de Almeida.** Bombeiros militares combatem incêndio florestal na fazenda São Francisco do Perigara. Barão de Melgaço (MT), 2020 | **Lalo de Almeida.** Jacaré morto em corixo seco às margens da rodovia Transpantaneira. Poconé (MT), 2020 | **Lalo de Almeida.** Vegetação queimada depois da passagem de incêndio florestal por perto do Hotel Sesc Porto Cercado. Poconé (MT), 2020 | **Luciano Candisani.** Vista aérea do rio Negro na altura da fazenda Barranco Alto. Na seca, surgem praias de areias brancas, e ipês florescem na mata ciliar. Pantanal da Nhecolândia (MS), julho 2007 | **Luciano Candisani.** A 1,5 metro da câmera, jacaré abre a boca à espera dos cardumes que descem ao sabor da correnteza quando a água escorre dos campos inundados para os rios na vazante. Fazenda Barra Mansa, Pantanal da Nhecolândia (MS), abril 2010

ÁGUA PANTANAL FOGO



LALO DE ALMEIDA
LUCIANO CANDISANI
Curadoria
EDER CHIODETTO





Luciano Candisani. Vazante do Castelo. Fazenda Barra Mansa, Pantanal da Nhecolândia (MS), maio 2018

Por que o Pantanal, esse mundo de águas, passou a queimar diante de nossos olhos? Por que os rios do Pantanal, que há séculos alimentam um verdadeiro mar de dentro a cada cheia, agora estancam, assoreados, impedidos de dar curso à navegação fluvial e inutilizando as terras antes férteis à sua volta?

São duas perguntas que nós, pantaneiros de nascença ou por opção, nos fazemos a todo instante. Para nossa sorte, não só nós. A força de nutrir e destruir desses elementos-chave e as formas como passam a se manifestar, ao cabo de uma longa história de agressão, são temas que mobilizaram a atenção de dois dos maiores fotógrafos em ação no Brasil hoje: Lalo de Almeida e Luciano Candisani. Foi a sensibilidade de Eder Chiodetto, curador e idealizador desta exposição – outra sorte –, que permitiu colocá-los em diálogo para compor um panorama potente do Pantanal e de suas urgências.

Contando com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet, a parceria dos patrocinadores e o entusiasmo do Instituto Tomie Ohtake, *Água Pantanal Fogo* não é só um alerta, mas também uma introdução às particularidades do bioma pantaneiro. Informações e uma Biblioteca Aberta sobre o Pantanal, disponível no espaço expositivo, enriquecem ainda mais a leitura de imagens que falam por si mesmas.

A crença no poder da documentação de alertar, sensibilizar e mobilizar públicos amplos no Brasil e no mundo move o Documenta Pantanal. Ao longo de seus cinco anos de existência, a iniciativa vem se empenhando em apontar os efeitos das mudanças climáticas e da ação humana sobre o bioma em filmes, livros e campanhas, entre outras ações.

É sabido que a conservação do Pantanal passa pela prevenção e controle dos fatores que ameaçam sua integridade. Em dezembro último, foi sancionada a primeira Lei do Pantanal, que abre uma fenda importante para a proteção do bioma e o uso sustentável de seus recursos.

Cabe a nós seguir fazendo perguntas e buscando respostas.

Mônica Guimarães e Teresa Cristina Ralston Bracher
Documenta Pantanal

O Instituto Tomie Ohtake tem o prazer de apresentar *Água Pantanal Fogo*, uma colaboração com o Documenta Pantanal. A mostra celebra o Pantanal, um dos maiores ecossistemas alagáveis do planeta, reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera pela Unesco, e expõe alguns dos desafios resultantes de uma trágica crise ambiental em 2020.

Com a curadoria de Eder Chiodetto, a exposição inclui as fotografias de dois renomados fotodocumentaristas brasileiros, Lalo de Almeida e Luciano Candisani, e também enfatiza o potencial caráter educativo e conscientizador das imagens. O público é convidado a transitar entre as obras, infográficos, mapas, textos, de modo a conhecer as peculiaridades desse ecossistema e suas transformações recentes decorrentes do desmatamento e do estado de emergência climática.

Ao apresentar esta exposição, o Instituto Tomie Ohtake, em consonância com as atividades do Documenta Pantanal, afirma a necessidade de preservação do bioma e o poder da documentação e da circulação de informações e imagens para conscientizar e mobilizar um amplo público no Brasil e ao redor do mundo para a preservação dos diversos ecossistemas. *Água Pantanal Fogo* é um convite à reflexão, à educação e à ação.

Instituto Tomie Ohtake



Lalo de Almeida. Vista aérea de incêndio florestal na RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) Sesc Pantanal. Barão de Melgaço (MT), 2020

ÁGUA
PANTANAL
FOGO

Lalo de Almeida
Luciano Candisani



Luciano Candisani. Nuvem *cumulus* cresce sobre o rio Touro Morto, afluente do Miranda, que deságua no rio Paraguai. Pantanal do Miranda (MS), junho 2011

Águas que inundam, águas que vazam. Seca que chega, fogo que incendeia. O Pantanal tem a singularidade de ser regido, desde sempre, pelo equilíbrio do ciclo das águas, vital para a preservação da rica biodiversidade que pulsa em seus rios, corixos e lagoas, na cheia e na seca, no solo e no ar. Mas o uso abusivo dos recursos do bioma, que produz um estado de desequilíbrio cada vez mais visível, pode, segundo especialistas, resultar na desertificação da região. No contexto das mudanças climáticas, a destruição das nascentes de água localizadas nos planaltos, os incêndios criminosos e a mineração ilegal, entre outros fatores, são os principais algozes que estão acelerando esse ecocídio.

Lalo de Almeida e Luciano Candisani, dois dos mais proeminentes e premiados fotodocumentaristas brasileiros, vêm dedicando parte de suas trajetórias profissionais a documentar o Pantanal como uma forma de dar visibilidade, em tom de manifesto, a essas pulsões de vida e de morte que surgem justapostas entre a época das cheias e da estiagem.

Lalo fotografou o Pantanal durante os incêndios de 2020, que calcinaram cerca de 26% da região e mataram em torno de 17 milhões de animais. Suas imagens circularam pelo mundo e ajudaram a alertar a sociedade civil, a classe científica, o governo brasileiro e organismos internacionais sobre a gravidade do problema. Essas imagens, em parte aqui expostas, deram a ele o prestigiado prêmio World Press Photo.

Luciano, que além de fotógrafo é biólogo, documenta ecossistemas ao redor do mundo de forma sistemática. Na última década, ficou boa parte desse tempo submerso, fotografando as cheias do Pantanal. Suas imagens, de rara excelência técnica e expressiva, resultaram num acervo iconográfico de suma importância para alavancar pesquisas e mostrar ao mundo a urgência de se criar formas de combater os crimes ambientais que assolam a região e minorar os efeitos das mudanças climáticas sobre ela. Por esse trabalho, ele ganhou em 2012 o prêmio Wildlife Photographer of the Year.

Lalo de Almeida e Luciano Candisani representam uma linhagem de fotógrafos que elegem temas de investigação para trabalhar neles por longos períodos. São cronistas visuais que frequentemente buscam parcerias com cientistas e pesquisadores. Para obter o resultado exposto nesta mostra, criam logísticas complexas e se expõem a vários tipos de perigo.

É em trabalhos como esses, que aliam idealismo, paixão e militância, que a fotografia alcança seu ápice, tornando-se uma janela aberta a revelar as idiosincrasias e o sublime do mundo.

Eder Chiodetto
Curador de *Água Pantanal Fogo*



Lalo de Almeida. Brigadistas do Sesc Porto Cercado combatem incêndio florestal próximo ao hotel, auxiliados por avião do corpo de bombeiros. Poconé (MT), 2020

LALO DE ALMEIDA

Estudou fotografia no Istituto Europeo di Design em Milão, na Itália. Fotodocumentarista, colabora há trinta anos com o jornal *Folha de S.Paulo*, produzindo reportagens visuais e narrativas multimídia sobre temas como meio ambiente e desigualdades sociais. Entre outras, suas imagens integram as séries de reportagens “A batalha de Belo Monte” (2013), “Um mundo de muros” (2017), “Crise do clima” (2018) e “Desigualdade global” (2019), todas ganhadoras de prêmios internacionais. Em 2021, sua série de fotografias “Pantanal em chamas”, publicada pelo mesmo jornal ao longo de 2020, ganhou o World Press Photo, principal premiação do fotojornalismo internacional, na categoria Meio Ambiente. No ano seguinte, 2021, foi eleito o fotógrafo ibero-americano do ano pelo Pictures of the Year (POY) Latam, concurso dedicado à fotografia documental na América Latina. Paralelamente, vem desenvolvendo, desde o início de sua carreira, trabalhos independentes de documentação fotográfica, como o projeto *Distopia amazônica*, que retrata a destruição da floresta em ações de desmatamento, incêndios, mineração e a invasão de terras indígenas. O trabalho recebeu o Eugene Smith Grant in Humanistic Photography e foi o vencedor global, na categoria Projetos de Longo Prazo, do World Press Photo 2022.



Cinzas de uma árvore que foi totalmente consumida pelo fogo em pasto queimado na fazenda São Francisco. Zona rural de Santo Antônio de Leverger (MT), 2020



Brigadistas voluntários avaliam incêndio florestal na fazenda Jofre Velho. Porto Jofre (MT), 2020



Macaco bugio carbonizado por incêndio florestal devastador na fazenda Santa Tereza, região da serra do Amolar. Corumbá (MS), 2020

“No começo de outubro de 2020, um grande foco de incêndio desceu as encostas da serra do Amolar e atingiu em cheio a fazenda Santa Tereza. Era uma área de vegetação alta, e as labaredas chegavam a dezenas de metros. Não pudemos nos aproximar muito, porque o incêndio consumia a vegetação numa velocidade incrível. O fogo em movimento fazia um barulho ensurdecedor, semelhante a uma turbina de avião. No dia seguinte, depois que o incêndio atravessou a fazenda, saí para fotografar, acompanhado do gerente, Rafael Galvão. A floresta tinha se tornado um paliteiro de árvores carbonizadas, com o chão coberto de cinzas bem claras. Parecia que tinha nevado. Um cenário surreal. O fogo passou com tal intensidade e violência que nem mesmo os animais mais rápidos e inteligentes conseguiram escapar. Aves calcinadas nos galhos das árvores não tiveram tempo de voar. Antas e sucuris não conseguiram chegar à lagoa que teria sido sua salvação. Mais à frente, em meio àquele cenário devastador, um macaco bugio carbonizado parecia uma figura humana se arrastando para fugir das chamas. Foi a última foto que fiz dessa cobertura dos incêndios do Pantanal em 2020.”



Turistas tomam banho de cachoeira no rio Mutum, enquanto incêndio florestal destrói a vegetação ao redor. Santo Antônio de Leverger (MT), 2020 | Ave carbonizada após incêndio que atingiu a fazenda Santa Tereza, região da serra do Amolar. Corumbá (MS), 2020



Jacarés na lagoa do Bamburro. Fazenda Pouso Alegre, Pantanal de Poconé (MT), novembro 2011

LUCIANO CANDISANI

Aprendeu a fotografar debaixo d’água sozinho, na adolescência, no litoral norte de São Paulo, motivado por sua ligação com o mar. Mais tarde, estudante e estagiário no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, produziu suas primeiras reportagens fotográficas, ao integrar expedições científicas à Antártica e à Patagônia. Colaborador da revista *National Geographic* desde 2000, seus ensaios visuais sobre ecossistemas e culturas tradicionais ao redor do mundo, que circulam em veículos especializados e compõem exposições no Brasil e no exterior, são movidos pelo desejo de mostrar os grandes espaços naturais remanescentes e alertar para a urgência de salvar territórios e culturas em risco. No Pantanal, fez trabalhos de repercussão internacional, como a reportagem “Into the Mouth of the Caiman”, ganhadora do Wildlife Photographer of the Year, um dos prêmios mais importantes da fotografia de natureza, concedido pelo Museu de História Natural de Londres. Expôs as imagens do ensaio *Haenyeo, mulheres do mar*, sobre mergulhadoras anciãs da ilha de Jeju, na Coreia do Sul, no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo, em 2019. Seu livro *Pantanal terra d’água* (Vento Leste, 2021) abriga uma ampla pesquisa sobre a importância da água para a vida e as paisagens do Pantanal.



Jacaré com a cabeça fora d’água, à espera de presas. O animal pode ficar horas nessa posição. Vazante do Castelo, Pantanal da Nhecolândia (MS), junho 2011

“Vejo nos jacarés a imagem da ligação da dinâmica da água com a vida no Pantanal. A lagoa do Bamburro atrai milhares durante o período reprodutivo da espécie, que coincide com a chegada das primeiras chuvas. Fiz essa fotografia no início da noite, com a câmera fixa em um tripé montado na beira da lagoa. Uma lua cheia iluminava as nuvens por trás. Os jacarés, naturalmente imóveis quando em termorregulação, foram iluminados com disparos sucessivos do flash durante uma exposição de seis minutos. Para conferir volume à mata ciliar, usei um farolete potente. O mais difícil foi coordenar todas essas variáveis sob o ataque implacável de nuvens de mosquitos. Quando vi o resultado, percebi que essa imagem já morava no meu imaginário desde minha primeira viagem ao Pantanal, com meu pai, na década de 1980. Na época, auge da matança de jacarés pelos coureiros, era difícil avistar os animais. Para isso, saíamos à noite, iluminando as margens com um farolete que revelava os olhinhos dos jacarés brilhando na escuridão. Nunca esqueci aquela imagem.”



Pantaneiro de pé sobre canoa, visto de dentro d'água. Assim como a paisagem, a cultura e modo de vida no Pantanal foram forjados pela água. Vazante do Mangabal, Pantanal da Nhecolândia (MS), março 2011



Dourado no rio Olho-d'água. RPPN Fazenda Cabeceira do Prata, Jardim (MS), maio 2013 | Ponto de ressurgência de água no subsolo calcário do rio Olho-d'água, um dos muitos que nascem nos planaltos e abastecem o Pantanal. RPPN Fazenda Cabeceira do Prata, Jardim (MS), fevereiro 2011

“Quando fotografei esse dourado, buscava imagens capazes de evocar uma conexão vital: as águas que formam o Pantanal chegam pelos rios nascidos nas terras altas ao seu redor. Como artérias de um organismo, esses cursos hídricos determinam a existência e sustentam a biodiversidade na planície. A imagem foi feita em um trecho próximo à nascente do rio Olho-d’água, no planalto da Bodoquena. Logo depois de emergir do solo calcário, esse rio cristalino se junta ao rio da Prata, um dos tributários do Miranda que, por sua vez, encontra o rio Paraguai já na planície. Essa extraordinária fonte hídrica está bem protegida nos limites de uma reserva particular. Mas, infelizmente, essa não é a regra. Muitas das nascentes dos planaltos que fornecem água para a planície pantaneira são vítimas de assoreamento e contaminação provenientes de mau uso do solo por lavras e pastagens. Paradoxalmente, na década em que eu passei buscando maneiras de revelar a vida escondida dentro das águas do Pantanal, a maior planície inundável da Terra perdia muito da sua superfície úmida em consequência da destruição das suas nascentes. E um ambiente mais seco associado ao aquecimento global favorece o alastramento do fogo.”





RIOS, PLANÍCIE, PLANALTOS

Uma das maiores planícies inundáveis da Terra, o Pantanal está localizado no centro da América do Sul, na Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai, que se estende por cerca de 600 mil km² entre Brasil, Bolívia e Paraguai. Dos quase 360 mil km² que ficam em território brasileiro, 150 mil são ocupados pela planície pantaneira, e os quase dois terços restantes, pelos planaltos em torno dela. Lá, em uma região sujeita ao desmatamento e à poluição relacionados às práticas da monocultura e da pecuária, nascem os principais rios que formam o Pantanal.

Entre os seis biomas brasileiros mencionados na Constituição de 1988, o Pantanal tem a particularidade de ser uma região de contato entre os demais: as florestas tropicais da Amazônia e da Mata Atlântica, a norte e sudeste; a savana, representada pelo Cerrado, que circunda a porção leste da planície; e o Chaco, que chega até a divisa com o Paraguai. Espécies da fauna e da flora típicas de cada uma dessas regiões encontram-se no Pantanal, desenhando um mosaico de biodiversidade, rico em paisagens e em vida.

O delicado equilíbrio que garante a diversidade singular do Pantanal depende da regularidade da mudança das águas. O regime de inundação é sua característica mais marcante. De

novembro a março, as águas que caem nas terras altas descem para a parte baixa da bacia e tomam conta da planície. Na vazante, escoam lentamente por uma rede difusa de drenagem que une rios, corixos, vazantes e lagoas. A erosão e a poluição nos planaltos, além da implantação de hidrelétricas, estão entre os fatores que alteram esse pulso, ameaçando nascentes e causando o assoreamento dos rios, algo que afeta toda a vida pantaneira.

Na seca, entre maio e setembro, quando a água fica restrita aos principais rios e lagoas, o grande acúmulo de matéria vegetal morta torna o Pantanal mais suscetível a incêndios, que têm sido cada vez mais frequentes. Em 2020, as chamas atingiram 4,5 milhões de hectares do Pantanal, matando animais, destruindo casas e levando a qualidade do ar a níveis críticos em várias cidades do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Uma série histórica de incêndios marcou os anos seguintes. Estima-se que 98% deles resultam de ação humana, como no caso de produtores que perdem o controle do fogo ao usá-lo em atividades de manejo ou para queima de lixo, extração de mel e pesca de isca.

A emergência climática, com um aumento importante de temperaturas médias previsto para os próximos anos, agrava os fatores que produzem perda hídrica e incêndios avassaladores.

Além deles, as ameaças ao Pantanal incluem a pressão pelo desmatamento, os grandes projetos de infraestrutura regional, como a hidrovía no rio Paraguai, a mineração, a pesca predatória, a caça ilegal, a introdução de espécies exóticas invasoras e a poluição da água. Com efeitos interdependentes, elas afetam, de formas diversas, cada região da planície.

Reserva de água e vida, regulador do regime hídrico de amplas regiões, fonte de biodiversidade, o Pantanal dá sinais de alerta. O que vemos nas imagens de Lalo de Almeida e Luciano Candisani aqui reunidas não são só os resultados de tragédias anunciadas que reduzem habitats naturais e produzem mudanças visíveis na paisagem; são também a beleza única do Pantanal e a urgência de protegê-la.

Sandro Menezes Silva

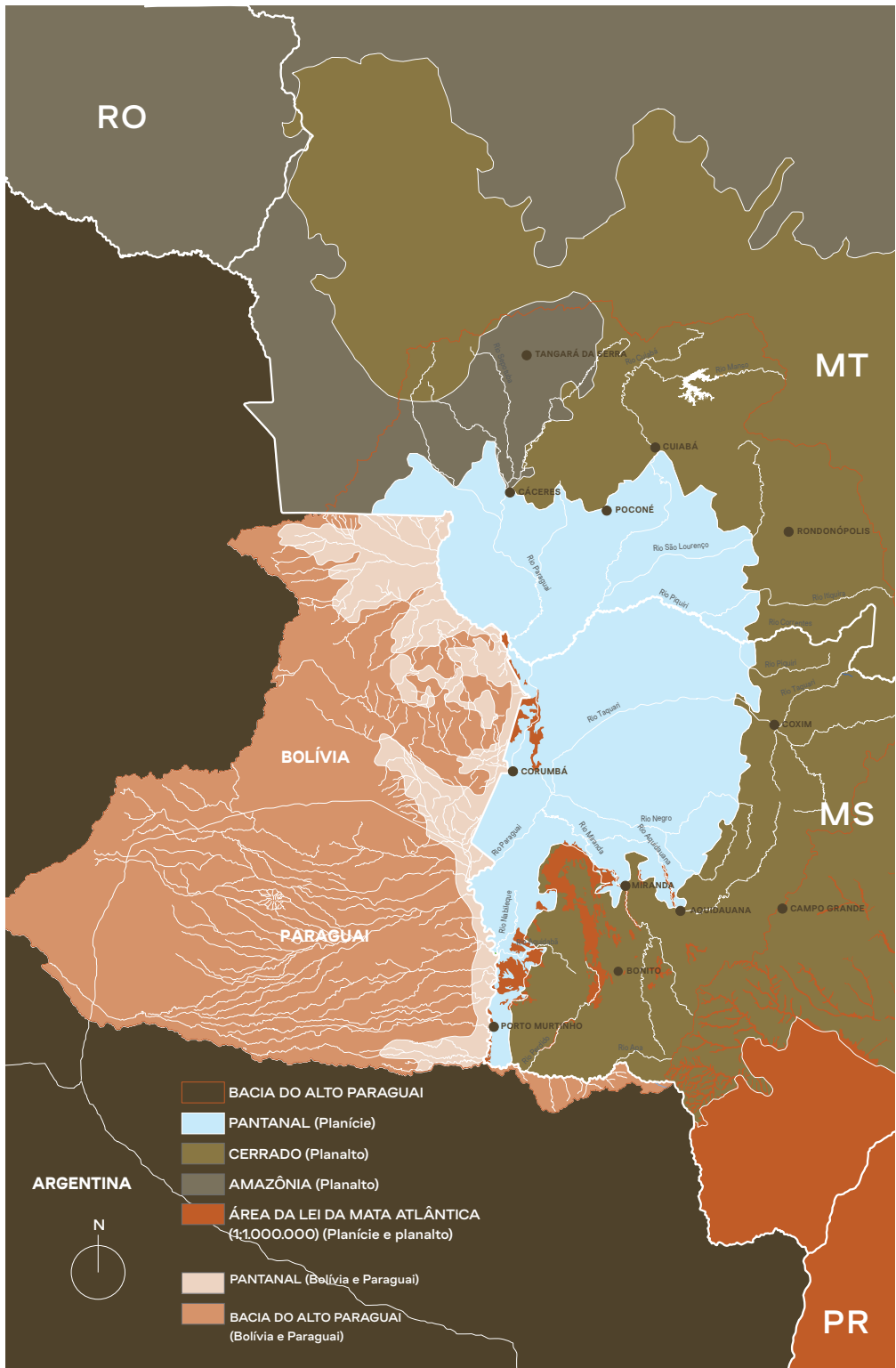
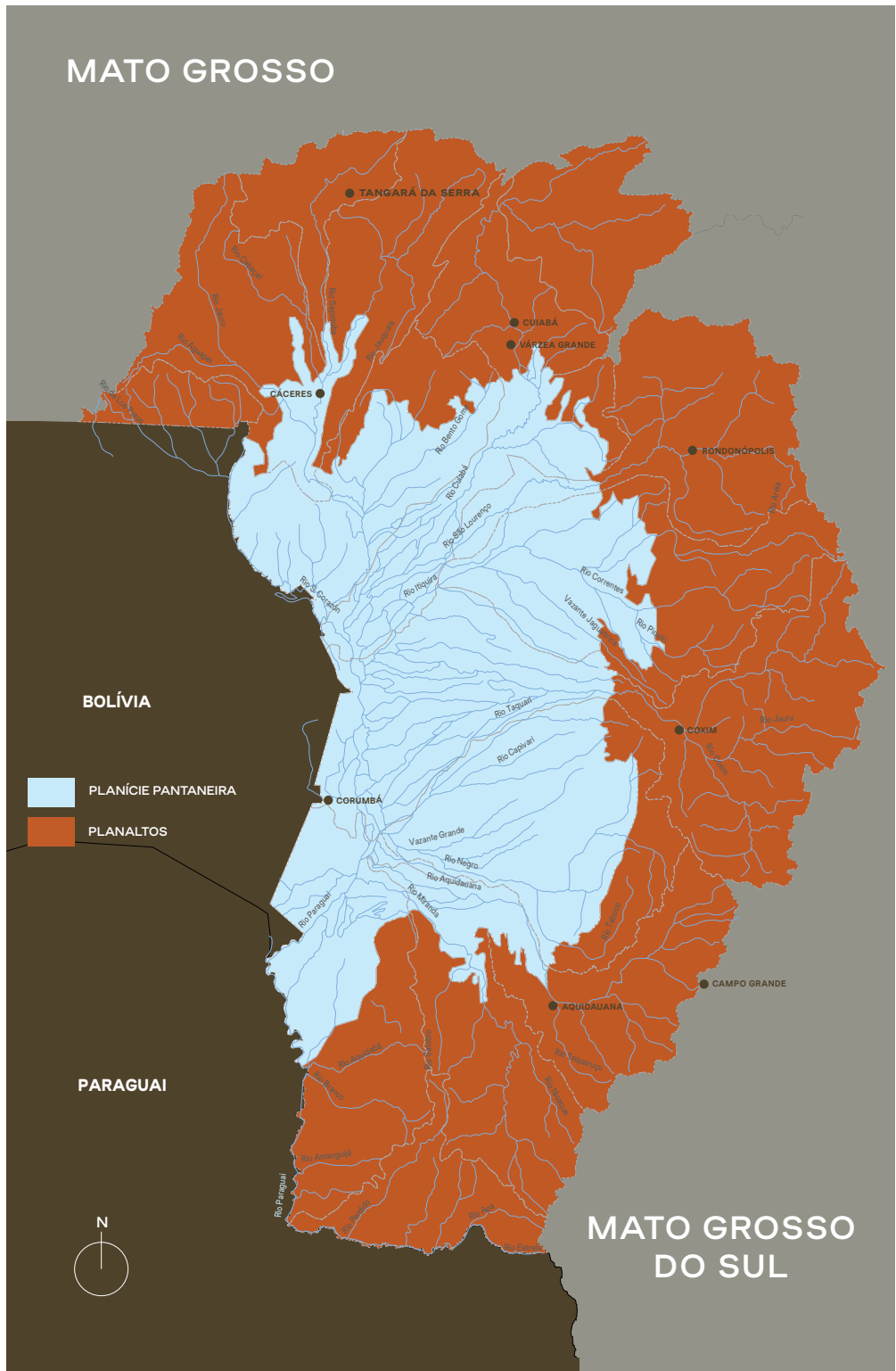
Professor da Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais (FCBA) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

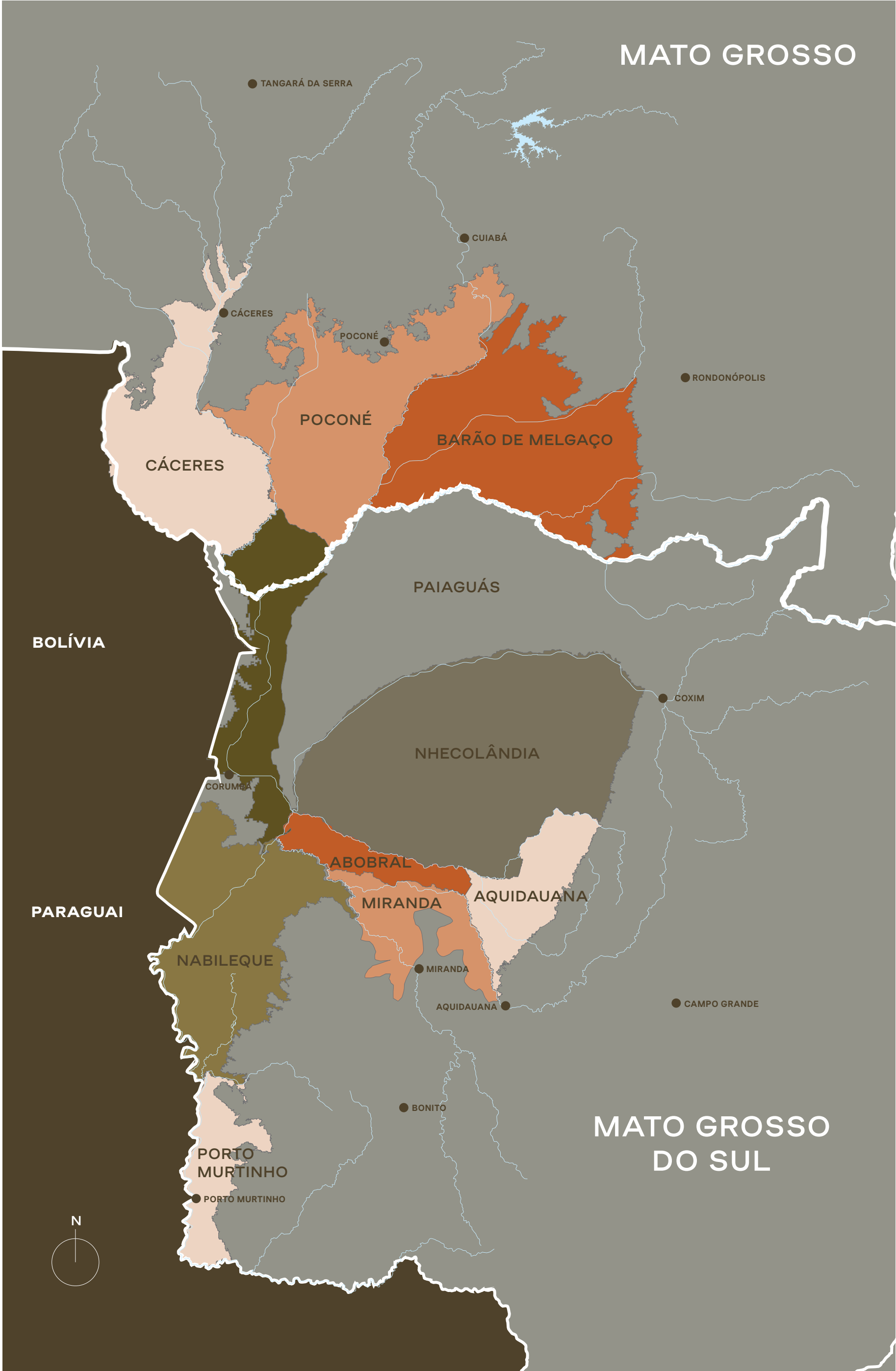
Planície e planalto

Com aproximadamente 600 mil km², a Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai se estende por Brasil, Bolívia e Paraguai. Mais da metade – quase 360 mil km² – está em território brasileiro. A planície pantaneira divide-se entre os estados de Mato Grosso do Sul (65%) e Mato Grosso (35%). O restante é a parte alta da bacia, os planaltos do entorno da planície, onde estão as nascentes dos principais rios que formam o Pantanal.

Região de transição

A Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai é uma área de transição biogeográfica entre grandes regiões naturais da América do Sul: as florestas tropicais ao norte e ao sul, Mata Atlântica e Amazônia, respectivamente; as savanas tropicais do Cerrado, ao leste; e, a sudoeste, o Chaco, dividido entre Bolívia, Paraguai e Argentina. Os processos ecológicos e evolutivos que moldaram o Pantanal e sua biodiversidade dependem dessa conectividade entre biomas sul-americanos.





Os pantanais

O Pantanal não é um, mas muitos. Consideram-se ao menos onze sub-regiões, também conhecidas como pantanais: Paraguai, Barão de Melgaço, Poconé, Cáceres, Paiguás, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque, Nhecolândia e Porto Murtinho. Com diferentes regimes de inundação, feições topográficas e tipos de solo e vegetação, eles configuram um quebra-cabeça de paisagens, com campos limpos e florestas, inundáveis ou não.

Reserva de vida e de água doce, o Pantanal é reconhecido pela Constituição brasileira como patrimônio nacional. Abriga uma Reserva da Biosfera, um Sítio do Patrimônio Natural da Unesco e quatro áreas úmidas consideradas de importância internacional pela Convenção de Ramsar, tratado assinado por mais de 170 países para a conservação e o uso racional de recursos hídricos. Mas o Brasil faz menos que seus vizinhos pela conservação do bioma: apenas 2% de sua parte da bacia do Alto Paraguai está sob proteção integral. Na Bolívia, por exemplo, o percentual é de 46%. O parque boliviano de Valle de Tucavaca, com 263 mil hectares, tem quase o dobro do tamanho do Parque Nacional do Pantanal, maior unidade de conservação brasileira na bacia.



Luciano Candisani. Onça-pintada bebe água no Parque Estadual do Encontro das Águas, na confluência dos rios Cuiabá, Três Irmãos, Piqueri e Corixo Negro. Pantanal de Poconé (MT), julho 2017



Lalo de Almeida. Cervo-do-pantanal busca refúgio em uma lagoa para se proteger de incêndio florestal às margens da rodovia BR-262 (MS). 2020

PANTANAL ACOSSADO



Lalo de Almeida. Cinzas cobrem o chão de floresta queimada por incêndio na fazenda Santa Tereza, região da serra do Amolar. Corumbá (MT), 2020



Lalo de Almeida. Para fugir do fogo, jacarés buscam abrigo em uma pequena ilha de corixo às margens da rodovia Transpantaneira. Poconé (MT), 2020

Os incêndios que atingiram o Pantanal em 2020 deixaram um rastro de paisagens desfiguradas e comportamentos animais alterados. Um ano depois, sob as pontes da rodovia Transpantaneira, estrada-parque entre Poconé e Porto Jofre, em lugar de lagoas com jacarés, tuiuiús e veados, avistavam-se poças enlameadas, árvores e animais mortos. Na Serra do Amolar, onde as grandes baías seguiam secas, pantaneiros veteranos descreviam cenas inéditas, como papagaios ciscando o chão perto das sedes das fazendas em busca de alimento e passarinhos matando a fome em limoeiros.

O fogo moldou grande parte das estratégias de sobrevivência das plantas do Cerrado. Incêndios de origem natural, causados por descargas elétricas, são comuns no Pantanal, assim como os usos tradicionais do fogo na formação de campos para o gado, na coleta de mel em árvores e para cozinhar em acampamentos de pesca, entre inúmeros outros. Fugindo à regra na escala, os grandes incêndios recentes foram impulsionados pela estiagem e pelo aumento das temperaturas médias. Estima-se que 98% deles tiveram origem em ação humana. Qualquer incêndio causado por queimas feitas fora do período permitido, em geral de novembro a junho, é considerado criminoso.

O desmatamento nas regiões de transição entre planalto e planície, ligado sobretudo à pecuária, vem acelerando, de forma desastrosa, o assoreamento de rios pantaneiros. Nesses terrenos em declive, de solo arenoso, a perda de vegetação ciliar nativa favorece o surgimento de voçorocas, enormes buracos de erosão, cavados pela água das chuvas que atingem o lençol freático e deixam o solo exposto. Na bacia do Alto Taquari, que perdeu mais da metade de sua mata nativa entre os anos 1970 e 1990, há hoje cerca de 2 mil voçorocas. Os sedimentos carregados para a planície transformaram o rio em um labirinto de águas rasas, com extravasamentos que inundaram, permanentemente, 450 mil hectares de terra. Com enormes impactos sociais e ambientais, o assoreamento do Taquari é considerado o maior desastre ambiental em curso no Pantanal hoje.

“[...] O Pantanal não está acossado apenas pelo fogo. Toda água que inunda a maior planície alagável do mundo nasce no planalto do seu entorno [...]. Em meio a pastos e plantações de milho e soja, fragmentos de vegetação nativa e centrais hidrelétricas, lá estão as nascentes dos principais rios pantaneiros. No caso das hidrelétricas, são 38 empreendimentos em operação na Bacia do Alto Paraguai. O rio com mais barramentos é o Jaú, com seis hidrelétricas em operação. ‘As usinas se sentem donas do rio’, diz o pescador Francisco Freire. ‘Solta água no dia que quer, fecha no dia que quer. Não estão nem aí para os peixes e nem para as pessoas.’”
Fabiano Maisonnave, “Bioma é ameaçado por hidrelétricas, desmate e agrotóxico”. *Folha de S.Paulo*, 7 jul. 2021



Luciano Candisani. Na seca, há grande concentração de jacarés em lagoas que se mantêm relativamente cheias e ricas em peixes. Fazenda Pouso Alegre, Pantanal de Poconé (MT), novembro 2011



Luciano Candisani. Jacarés recém-nascidos fazem suas primeiras incursões na água em baía próxima à vazante do Mangabal, com grande concentração de ninhos. Pantanal da Nhecolândia (MS), março 2011

Em 2022, enquanto o Pantanal vivia seu quarto ano sem cheia, um relatório do MapBiomias mostrava que a maior área úmida continental do planeta está, de fato, secando. Segundo os dados, o Pantanal teve sua superfície de água reduzida em 80% entre 1985 e 2021, enquanto o país, no mesmo período, perdia 17% de suas áreas de lagos, rios e nascentes. Mais: até o fim do século 21, o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais prevê aumento de 5 a 7 graus na temperatura média da região e redução de 30% nos índices pluviométricos. Pode parecer incrível, mas a maior área alagável da Terra enfrenta a ameaça de desertificação.

Embora a Constituição de 1988 determine a criação de legislações para regular o uso dos recursos dos biomas brasileiros, o Pantanal ainda não possui lei federal própria. O Novo Código Florestal, de 2012, atribuiu aos estados a tarefa de regulamentar as áreas de uso restrito, como o Pantanal. Em dezembro de 2023, o Mato Grosso do Sul sancionou a Lei do Pantanal, que protege os quase 10 milhões de hectares do bioma no estado. Resultado de uma colaboração inédita entre fazendeiros, ambientalistas e técnicos do ministério do Meio Ambiente e da Secretaria Estadual de Meio Ambiente do MS, a lei determina que as propriedades rurais preservem 50% de suas formações florestais e de Cerrado, e 40% das formações campestres. Também proíbe a supressão de vegetações importantes, como cordilheiras e capões; novos cultivos agrícolas exóticos, como soja e cana-de-açúcar; e a construção de diques, drenos, barragens e pequenas hidrelétricas, que alteram o regime hidrológico. Inova ao criar o Fundo Estadual de Desenvolvimento Sustentável do Bioma Pantanal, que pagará por serviços ambientais aos produtores que conservarem a vegetação nativa e praticarem uma pecuária sustentável. Com a lei, espera-se reduzir o desmatamento, que atingiu quase 500 mil hectares nos últimos oito anos, perto de 5% do bioma.



Lalo de Almeida. O fazendeiro João Alberto Martins remove vegetação seca na tentativa de deter incêndio em suas terras. Zona rural de Santo Antônio de Leverger (MT), 2020



Luciano Candisani. Cardume de mato-grossos tenta comer os ovos depositados por uma piranha junto a raízes de aguapé. Lagoa Marginal do Rio Formoso, Bonito (MS), agosto 2012

FOGO NO PANTANAL: VEJA COMO AJUDAR A PREVENIR

Os incêndios de 2020 no Pantanal revelaram a fragilidade da resposta local ao fogo, determinante para deter focos iniciais, evitando que se alastrem. Para ajudar a prevenir e combater novos incêndios, organizações que atuam na conservação do bioma criaram corpos como a Brigada do Alto Pantanal, do Instituto Homem Pantaneiro (IHP), e o programa Brigadas Pantaneiras, do Instituto SOS Pantanal, que formou, equipou, treinou e mantém 24 brigadas anti-incêndio privadas e comunitárias na região. O programa foi financiado pela campanha Artistas pelo Pantanal, do Documenta Pantanal, que arrecadou mais de 2 milhões de reais, em 2021, com a venda de obras doadas por 42 artistas visuais.

Manter as Brigadas Pantaneiras exige recursos: para combater e prevenir o fogo com eficácia, elas precisam estar permanentemente preparadas, equipadas e integradas ao sistema local de comando de incidentes. Para ajudar a garantir a extensão do programa, os fotógrafos Lalo de Almeida e Luciano Candisani doaram as imagens da exposição *Água Pantanal Fogo* que você vê nessas páginas. Elas estão à venda no site do SOS Pantanal, com vendas revertidas para o programa. Quer colaborar para manter as Brigadas Pantaneiras? Acesse o código abaixo e saiba mais sobre a campanha:



Documenta Pantanal é uma iniciativa que conecta profissionais de áreas diversas, ambientalistas e ONGs para defender o bioma e sensibilizar o público sobre suas urgências. Articulando cineastas, fotógrafos, artistas, cientistas, juristas e representantes do governo e do terceiro setor, produz e apoia documentários, livros, campanhas e reportagens. Suas ações denunciam os efeitos da mudança climática e da ação humana sobre o Pantanal, apontam soluções e geram recursos de proteção. Desde 2019, produziu documentários como *Ruivaldo, o homem que salvou a Terra* (2019) e *Finado Taquari* (2021), publicou fotolivros sobre o Pantanal de autores como João Farkas e Araquém Alcântara, e apoiou a série de reportagens *Pantanal sitiado* (*Folha de S.Paulo*, 2019-2021), do fotógrafo Lalo de Almeida e do jornalista Fabiano Maisonnave, entre outras ações. Para saber mais, visite:

Instagram: @documentapantanal
Facebook: @documentapantanal
YouTube: @documentapantanal



Lalo de Almeida. Cervo-do-pantanal atravessa a rodovia Transpantaneira em meio à fumaça de um incêndio florestal. Poconé (MT), 2020



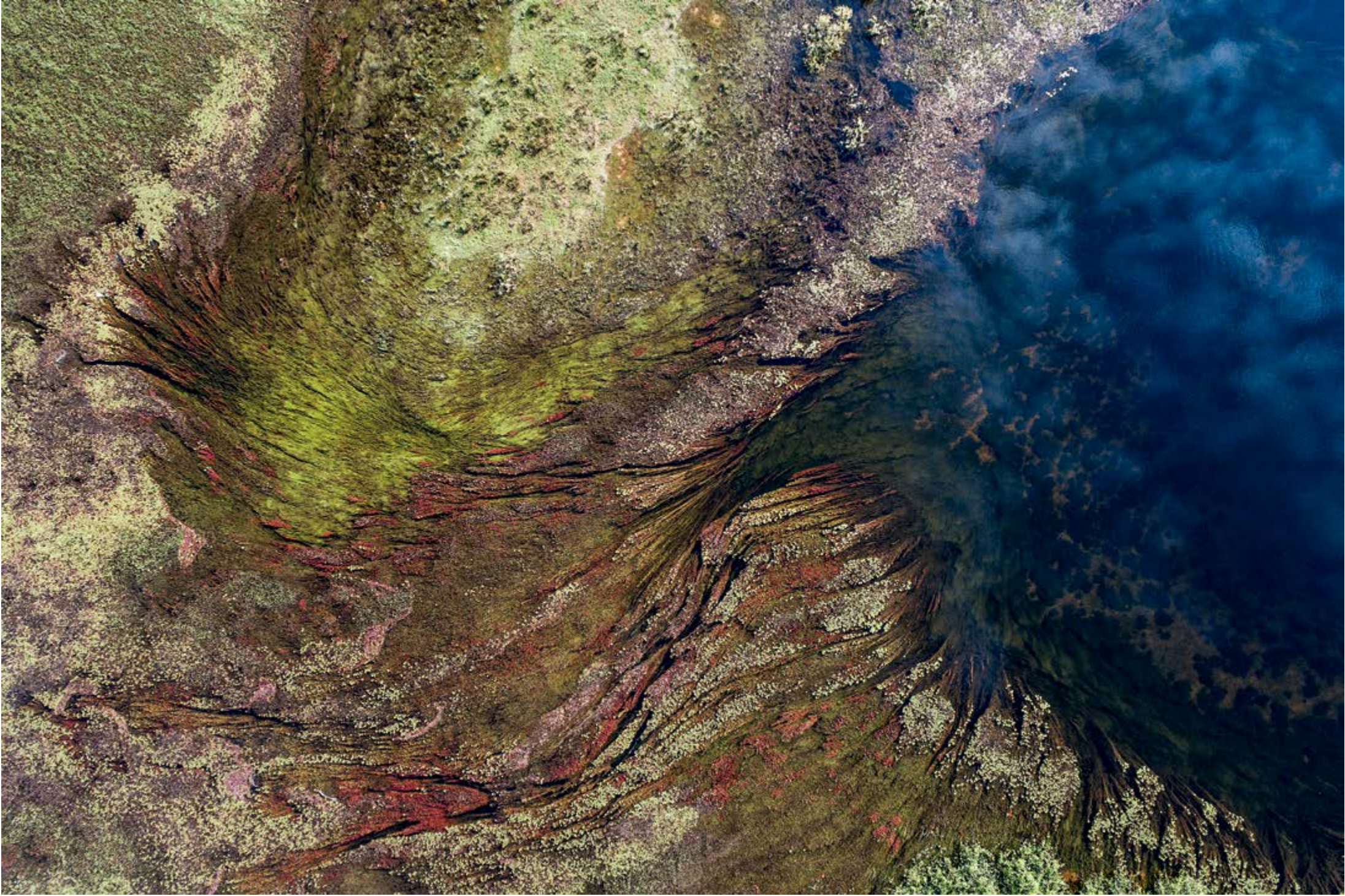
Luciano Candisani. Raia camufla-se junto ao fundo de um rio. O ferrão venenoso na base da cauda do peixe é temido pelos pantaneiros. Pantanal da Nhecolândia (MS), maio 2010



Lalo de Almeida. Pegadas de onça no leito de uma lagoa seca na fazenda Santa Tereza, na serra do Amolar. Corumbá (MS), 2021



Lalo de Almeida. Onça-pintada caminha entre a vegetação queimada do Parque Estadual Encontro das Águas. Poconé (MT), 2020



Luciano Candisani. Vista aérea de floresta aquática formada por macrófitas de até quatro metros de comprimento, em curso de água intermitente, formado pelo escoamento das águas de inundação. Vazante do Castelo. Fazenda Barra Mansa, Pantanal da Nhecolândia (MS), maio 2018



Luciano Candisani. Vazante do Mangabal. Pantanal da Nhecolândia (MS), março 2011



Luciano Candisani. Vista aérea da vazante do Mangabal na cheia de 2011, uma das maiores já registradas. Nos meses de seca, a região abriga um vasto campo de gramíneas, quase sem sinal de água. Pantanal da Nhecolândia (MS), março 2011



Lalo de Almeida. Veado morto sobre pasto queimado próximo à fazenda São Francisco do Perigara. Barão de Melgaço (MT), 2020



Design: Kiko Farkas

Água Pantanal Fogo Lalo de Almeida Luciano Candisani	Agradecimentos Acaia Pantanal Alexandre Bossi Amadeu Barbosa Amir Labaki Ana Maria Barreto [Fazenda São Francisco de Perigara] Angelo Rabelo Armando Lacerda Baobá Comunicação, Cultura e Conteúdo Belkiss Rondon Bruno Katzer Carlos Martins Caroline Leuchtenberger Claudia Gaigher Cristian Dimitrius Cristina Lopes Catussatto Cris Veit Daniel de Granville Daniel Rondon Embrapa Pantanal [Zilca Campo, Juliana Terra] Erika Balbino Fabiano Maisonnave Fazenda Pouso Alto e Pousada Mangabal [Jurandi Ferreira Leite, Ana de Lourdes Lopes] Fernando Barros Fernando Tortato [Panthera] Folha de S.Paulo Francisco Valeriano [Prevfogo/Ibama] George Camargo Grupo de Resgate Técnico Animal do Pantanal [Sergio Eduardo Barreto, Fernanda Jacoby, Nataly Nogueira, Paula Helena, Fernanda Alves, Rodrigo Piva, Luka Moraes] Guilherme Rondon Ham Jung-Min Haroldo Palo Jr. <i>(in memoriam)</i> Heloisa Vasconcellos Hwi Jin Ko Ian Jarret Ian McCarthy Ibama [Marcos Eduardo Coutinho] Instituto Centro e Vida (ICV) Instituto Homem Pantaneiro [Vanessa Rodrigues de Moraes, Carlos Adriano Ximenes] Instituto SOS Pantanal Ivan Freitas da Costa [Porto Jofre] Jin Hyuk Kim João Farkas Joilson de Barros Jonathan Busato José Sabino Juca Ygarapé Juliana Gola	Laucídio da Silva Mota [Porto Jofre] Lawrence Wahba Letícia Moura Lucas e Marina Schweizer Leuzinger Lucas Pupo Luiz Vicente Lygia Barbosa MapBiomás Brasil Marcy Junqueira Maria Inez Barreto Marina Gonzalez Marina Moraes Mário Habermfeld Marta Magnani Matthew Shirts Mônica e Walter Schalka National Geographic [Roff Smith, Paul Nicklen] Neiva Guedes Nina Valentini Patrícia Medici Paulina Chamorro Paulo Gambale Pedro Lacerda de Camargo Peter Musson Polliana Thomé Projeto Arara Azul [Carlos Cezar Corrêa, Grace Ferreira da Silva, Juliana Rechetelo, Eveline Guedes, Neliane Guedes Corrêa, Mariana Moraes] Rafael Galvão [Fazenda Santa Tereza] Raphael Scire Renato Roscoe [Instituto Taquari Vivo] Ricardo Casarin Ricardo Ohtake Roberto Klabin Roberto Sakai Ronaldo Ribeiro Rivaldo Nery Andrade Sandra Guató [Terra Indígena Baía dos Guató] Sesc Pantanal Simone e Eduardo Coelho Thiago Medaglia Vanessa Rodrigues de Moraes Vitória Arruda	Instituto Tomie Ohtake Conselho Deliberativo Ricardo Ohtake <i>Presidente do Conselho e Fundador do Instituto Tomie Ohtake</i> Renata Carvalho Beltrão C. Biselli <i>Vice-presidente do Conselho</i> Antonio de Souza Corrêa Meyer Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves Clovis Hideaki Ikeda Fernando Gomes de Moraes Fernando Shimidt de Paula Frances Reynolds Inês Mindlin Lafer João Roberto Vieira da Costa Liliane Cássia Rocha dos Santos Roberto Miranda de Lima Taís Wohlmuth Reis Walter Appel Diretoria Estatutária Marcy Junqueira <i>Presidente</i> Rodrigo Ohtake <i>Vice-presidente</i> Diretora Executiva Gabriela Moulin Diretor Artístico Paulo Miyada Diretor de Finanças e Operações Fábio Santiago Conselho Fiscal Miguel Martín Gutierrez Filho Patrícia Regina Verderesi Schindler Sérgio Massao Miyazaki Associados Antonio de Souza Corrêa Meyer Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves Clovis Hideaki Ikeda Fernando Gomes de Moraes Fernando Shimidt de Paula Flavia Buarque de Almeida Frances Reynolds Inês Mindlin Lafer Jandaraci Ferreira de Araujo João Roberto Vieira da Costa Liliane Cássia Rocha dos Santos	Marlui Nobrega Miranda Renata Carvalho Beltrão C. Biselli Renata Vieira da Motta Ricardo Ohtake Roberto Miranda de Lima Taís Wohlmuth Reis Tito Enrique da Silva Neto Walter Appel Diretoria Executiva Gabriela Moulin <i>Diretora Executiva</i> Fernanda Lima Beraldi <i>Gerente de Planejamento</i> Maria de Fátima Rocha <i>Secretária Executiva</i> Captação de Recursos e Projetos Incentivados Julia Bergamasco <i>Gerente Executiva de Captação e Projetos</i> Jaqueline Viana <i>Gerente Pessoa Física</i> Paulo César Jr. Rafael Pinheiro Editorial e Design Vitor Cesar Junior <i>Superintendente de Design</i> Paula Lobato <i>Designer</i> Divina Prado <i>Especialista em Editoração</i> Raquel Carnevalli <i>Especialista em Editoração</i> Comunicação Amanda Sammour <i>Gerente de Comunicação</i> Martim Pelisson <i>Assessoria de Imprensa</i> Raquel Machado <i>Redatora</i> Ricardo Miyada <i>Audiodvisual</i> Diretoria Artística Paulo Miyada <i>Diretor Artístico</i> Ana Roman <i>Superintendente Artística</i> Curadoria Catalina Bergues Julia Cavazzini Sabrina Fontenele Produção Carol Pasinato <i>Gerente de Produção</i> Nicole Plascak <i>Coordenadora de Produção</i>	André Bella Pedro Lemme Rodolfo Borbel Victor Constantino <i>Produtores</i> Ligia Zilbersztejn <i>Arquiteta</i> Educação Carol Tonetti <i>Gerente de Educação</i> Claudio Rubino <i>Especialista em Educação e Acessibilidade</i> Mariana Galender <i>Coordenadora de Ação Educativa</i> Mariana Per <i>Especialista em Educação e Diversidade</i> Natame Diniz <i>Especialista em Educação e Território</i> Thamata Barbosa <i>Produtora</i> Andrea Lalli de Freitas Guilherme Lima Fernandes Kaya Fernanda Vallim Mária Cecília Lima <i>Educadores</i> Diretoria Financeira e Operações Fábio Santiago <i>Diretor de Finanças e Operações</i> Financeiro Carlito Oliveira Junior Willian dos Santos Recursos Humanos Tatiane Romani Vitória Gomes <i>Aprendiz</i> Jurídico Escritório BS&A Mei Jou <i>Advogada</i> Operacional Marcos Sutani <i>Coordenador</i> Apoio Alessandro Nobrega de Oliveira Arthur Bruno Amorim Cristiane Aparecida Santos Dara Amorim Silva de Lima Diego Lopes Melo Elza Martins Santos Fabio Antonio de Araujo	Giliard Gabriel da Silva Grace Dias dos Santos Jonas Pires Gomes Costa Marcelo Mariano de Oliveira Margarete Oliveira Marleide Soares da Costa Samuel Luiz Costa Sena Tainara de Jesus Veloso Vandoclecio Vicente De Araujo Limpeza Ana Paula da Silva Jairo do Nascimento Januilma Francisca de Melo Maria de Fátima Sebastião Alves Silva Manutenção Técnica Adilson Oliveira da Silva Jacildo Antonio de Paula Jeferson de Almeida Souza Luis Carlos Ferreira Zeladoria Valdir Ramos da Silva Analista de TI Wesley Pereira Patronos 2024 Adrienne e Nelson Jobim Alexandra Gross e Luiz Antunes Maciel Mussnich Alice Novis Rossi e Renata Novis Rossi Andrea Cury Waslander Andrea Fernandes Andrezo e Filipe Brickmann Areno Barbara Alves de Lima Magalhães Beatriz Yunes e Carmo Guarita Cleusa de Campos Garfinkel Cornélia e Michel Durand Mura Cristiana e Rodrigo Rocha Monteiro de Castro Eduardo Henrique Pellegrinelli Scarceli Eliana Finkelstein Flavia Buarque de Almeida Gabriela e Adriano Lima Borges Ivani e Jorge Yunes <i>(in memorian)</i> Jéssica Cinel Maíra Maciel e Jairo Bulis Goldenberg Marcelo Kim Yuen Pan Márcia Lerro Pimenta e Marcos Moreira Santos Abreu Maria e Roberto Bertani Maria Francisca dos Santos e Passos Paula Mello da Rocha Azevedo Rodrigo Bresser Pereira	Sabrina e Daniel Barros Rodrigues Costa Simone e Clovis Ikeda Vinicius Veloso Vivian Villanova e Lucas Marques Pessoa Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) A282 Água Pantanal Fogo / Editor Teté Martinho; curador Eder Chiodetto; fotografia Lalo de Almeida, Luciano Candisani. – São Paulo, SP: Documenta Pantanal, 2024. 16 p. : 31,5 x 46 cm Inclui bibliografia ISBN 978-659-827-76300 1. Pantanal Matogrossense (MT e MS) – Conservação. 2. Fotografia. I. Título. CDD 779.9181 Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 ISBN 978-65-982763-0-0
---	--	---	--	---	--	---	---